LITERATURA INFANTOJUVENIL NEGRA COMO DISPARADORA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, LETRAMENTOS DIGITAIS E LITERÁRIOS

BLACK CHILDREN'S LITERATURE AS A TRIGGER OF ANTI-RACIST EDUCATION, DIGITAL AND LITERARY LITERATURES

Marta da Conceição de Paula1

Terezinha Fernandes [2]

RESUMO:
O artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado com crianças do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, com o objetivo de analisar os letramentos digitais e literários em uma prática pedagógica de transmidiação literária. A metodologia utilizada é a pesquisa-formação na cibercultura em Santos (2014), por meio da qual buscamos o diálogo entre as apropriações das dimensões dos letramentos digitais e literários mobilizadas pelas crianças com as atitudes antirracistas propostas por Ribeiro (2019). Os resultados mostraram que a narrativa transmídia da obra literária possibilitou um processo formativo dialógico e reflexivo com relação às noções de gênero, raça e classe. Concluímos que a literatura infantojuvenil negra é importante nas práticas pedagógicas e formativas de crianças e professores, pois oportuniza desenvolver a leitura crítica a respeito da racialização dos espaços de poder, identidades, preconceitos e estereótipos que compõem o imaginário social, ampliando as perspectivas históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil negra. Letramentos digitais e literários. Educação antirracista. Pesquisa-formação.

---

[1] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT), Mestra em Educação (UFMT). Graduada em Pedagogia (2008) com especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais (2012), especialização em Mídias Digitais para a Educação (2019). Professora da Prefeitura Municipal de Cuiabá, com experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, Séries Iniciais Alfabetização/Letramento, Programa Mais Educação e Coordenação Pedagógica.

[2] Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso - Brasil (ingresso em 2006). Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2020-2021). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012-2016), com Doutoramento Sanduíche na Universidade Aberta (UAb), Portugal (2014-2015), bolsa Prodoutoral Docente Capes (2012-2013 e 2016) e bolsa Doutorado SWE CNPq-Ciência sem Fronteiras (2014-2015). Mestre em Educação pela UFMT (2004-2006). Especialista em Formação de Orientadores para EaD pela UFMT (2002) e em Psicopedagogia (2000). Licenciada em Pedagogia (1997). Atua na docência na graduação (presencial e EaD) nas áreas de Múltiplas Linguagens: Alfabetização, Letramentos e Literatura Infantil; Introdução a EaD, Seminários Temáticos, Práticas Pedagógicas e Ensino/Estágio, Trabalho de Conclusão de Curso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior desenvolvida no âmbito do mestrado, em que acionamos, por meio da metodologia da pesquisa-formação, um dispositivo de docência e pesquisa com uma prática pedagógica de transmidiação literária do livro infantojuvenil "O mundo no *black power* de Tayó", de Kiusam de Oliveira (2013), realizada com 3 crianças do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada em Cuiabá-MT.

O contexto pandêmico da covid-19 atravessou a pesquisa, que teve como campo a docência on-line da professora/pesquisadora primeira autora deste artigo, em que a transmídia, conforme estudos de Jenkins (2009), foi desenvolvida por meio de plataformas digitais diversas, com o objetivo de compreender as apropriações de letramentos digitais e literários mobilizados em narrativas transmídia pelas crianças, de modo a refletir sobre contribuições dessas apropriações para as práticas pedagógicas literárias de professores.

A expansão da narrativa literária envolveu a utilização de tecnologias digitais em rede, como os aplicativos: WhatsApp, Cômica, PhotoGrid e TikTok, os quais foram interfaces tanto para o registro dos dados que emergiram durante a transmidiação literária quanto para a prática da transmidiação propriamente dita, com a criação de histórias em quadrinho, memes e animações produzidas pelas crianças a partir da narrativa base.

Por meio de nossas escritas em diário on-line, pudemos refletir e organizar as diversas dimensões dos letramentos digitais e literários que foram mobilizadas pelas crianças durante a prática pedagógica. Dentre as dimensões dos letramentos digitais propostas por Autor (2016) e percebidas no estudo, destacamos: técnico-operacional; informacional; pesquisa; impresso; SMS; social no uso de mídias digitais; racial, linguística, social e multimodal; interação e trabalho colaborativo; intercultural e redes sociais.

Na produção de cada gênero textual, identificamos as habilidades apropriadas pelas crianças, percebendo que elas convergiam e se desdobravam em múltiplas linguagens em um movimento que contemplava o proposto por Cosson (2019) para o desenvolvimento do letramento literário: a interpretação, a compreensão, a ressignificação e a extrapolação da narrativa base.

A esse conjunto de habilidades e dimensões acrescentamos a dimensão transmídia dos letramentos digitais e literários, a qual entendemos como as diversas produções, escritas e audiovisuais, das crianças dentro da cultura contemporânea, com linguagens múltiplas, híbridas e com edições de inúmeros efeitos que materializam as compreensões, os significados e as reelaborações das narrativas literárias pelas crianças.

Percebemos, para além das dimensões técnicas no uso das Tecnologias Digitais em Rede, diversas reflexões críticas que se relacionavam com questões étnico-raciais e feminismos que, dentro de um processo dialógico, podem potencializar desconstruções e novas elaborações a respeito de gênero, raça e classe, mobilizando diversos letramentos digitais e literários.

O artigo está organizado em cinco partes, sendo as considerações iniciais do estudo na primeira seção; o pensamento feminista negro que orientou o estudo na segunda seção; as discussões sobre a prática pedagógica de transmidiação literária para pensar uma educação feminista e antirracista na terceira seção; a apropriação dos letramentos digitais e literários mobilizados por meio da literatura infantojuvenil negra na quarta seção; seguida das considerações finais com as compreensões tecidas no estudo na quinta seção.

Pensando a Educação Antirracista com o Feminismo Negro

No livro “Pequeno Manual Antirracista”, Djamila Ribeiro (2019) propõe alguns caminhos possíveis à promoção de uma educação antirracista, pensando as discriminações e opressões estruturais e suas consequências na produção de desigualdades sociais, econômicas, culturais e simbólicas. É imprescindível destacar que o racismo estrutural é concebido como:

> [...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2020, p. 32).

A concepção de racismo como um sistema de opressão que estrutura as relações pessoais, econômicas, políticas, jurídicas e ideológicas permite compreender que nenhum espaço social está livre do racismo. É necessário

entender os processos políticos e históricos que constituem a formação do território brasileiro e identificar as relações produzidas no período da escravização de negros e negras para relacionar suas consequências nas instituições e nas relações interpessoais. Carneiro (2011, p. 18) afirma que "raça é uma noção socialmente construída e determinante na configuração da estrutura de classes em nosso país". Ela nos traz ainda que:

> Apesar disso, as duas ideologias – o mito da democracia racial e a perspectiva da luta de classes – têm em comum, portanto, a minimização ou não reconhecimento e/ou a invisibilidade da intersecção de raça para as questões dos direitos humanos, da justiça social e da consolidação democrática, elementos que dificultam a erradicação das desigualdades raciais nas políticas públicas. (CARNEIRO, 2011, p. 18).

A raça e o racismo atravessam as experiências dos sujeitos de formas plurais e não homogêneas, porém, com diversas experiências coletivas comuns que, dadas as peculiaridades brasileiras, acrescentam à proposta de uma educação feminista e antirracista desafios ainda mais complexos, visto que as discriminações sentidas por negros e negras são percebidas de formas diferentes de acordo com o tom da pele e maior ou menor proximidade ao fenótipo africano. Além disso, o abismo entre os privilégios e as desigualdades econômicas que beneficia brancos e impõe dificuldades, muitas vezes, intransponíveis a negros, e que é naturalizado no contexto brasileiro, é reforçado tanto pelo mito da meritocracia quanto da democracia racial (CARNEIRO, 2011). Em outras palavras, é falsa a ideia de que brasileiros e brasileiras convivem em harmonia, não havendo conflitos raciais no Brasil, apesar das opressões que os atravessam, possuindo as mesmas condições de ascender socialmente, bastando para isso querer e esforçar-se.

"O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos" (RIBEIRO, 2018, p. 7). Pensar em processos educacionais emancipatórios, em uma educação antirracista pelo viés do feminismo negro é também ter como mote gênero e classe. Presente na teoria feminista negra, a interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, pode ser entendida, conforme Akotirene, como:

> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos

aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Sendo assim, uma educação emancipadora envolve refletir também sobre as estruturas que fundam nosso contexto e pensar nas interseções que condicionam e atravessam as experiências de ser humano, como gênero, raça e classe. O feminismo negro nos alerta que a experiência de raça é central para pensar as experiências forjadas em gênero e classe. Contudo, não se trata de somar identidades e hierarquizar opressões, definindo em qual delas agir, trata-se de compreender esses marcadores sociais e de quais formas eles atravessam e condicionam as experiências dos sujeitos.

Retomamos as indicações de Ribeiro (2019) em "Pequeno Manual Antirracista" para pensar processos educacionais emancipatórios, portanto, que abarquem uma educação antirracista considerando também as interseções de gênero e classe. A autora propõe assumirmos atitudes e ações cotidianas de combate ao racismo estrutural, visto que perceber suas nuances é um processo dinâmico e complexo, além de desafiador e profundamente crítico de percepções e construções cristalizadas de si e do mundo.

Desafiar e produzir dissidências ao sistema racial envolve um conjunto de reflexões, que Ribeiro (2019) destaca: informe-se sobre o racismo; enxergue a negritude; reconheça os privilégios da branquitude; perceba o racismo internalizado em você; apoie políticas educacionais afirmativas; transforme seu ambiente de trabalho; leia autores negros; questione a cultura que você consome; conheça seus desejos e afetos; e combata a violência racial.

A partir dos indicadores de uma prática antirracista propostos por Ribeiro (2019), buscamos analisar, no próximo tópico, de quais maneiras os letramentos digitais e literários mobilizados em nosso estudo refletem sobre as relações sociais de identidades, subjetividades e potencializam práticas feministas antirracistas com crianças.

Narrativa Transmídia da Obra Literária "O mundo no black power de Tayó" Para Pensar Práticas Pedagógicas Feministas e Antirracistas

Pensando uma Educação Antirracista

Durante a prática de transmidiação literária do livro “O mundo no *black power* de Tayó” em nosso estudo, percebemos diversas habilidades apropriadas pelas crianças, que são materializadas nos letramentos digitais e literários e em suas respectivas dimensões: interpretativa; atribuição de sentidos; e ressignificação de sentidos. Percebemos que essas dimensões se relacionam e dialogam com as atitudes antirracistas propostas por Ribeiro (2019).

Para fins didáticos, iremos abordar três desdobramentos propostos por Ribeiro (2019): “conhecer o racismo”; “significar identidades raciais”; e “posicionar-se contra o racismo”, com a intenção de promover reflexões para as práticas pedagógicas antirracistas na perspectiva de uma educação emancipadora. Esses desdobramentos e essas dimensões entrelaçam-se e convergem-se em um processo dialógico contínuo, ou seja, podem ser apropriados em eventos de letramentos e/ou formação de professores e, somados com as vivências individuais, coletivas e formativas, podem ressignificar-se constantemente.

A dimensão “interpretativa” apropriada pelas crianças refere-se a “um conjunto de ações que envolvem leitura, pesquisa e compreensões significativas das obras literárias” (AUTOR, 2021, p. 134). As habilidades sintetizadas nessa dimensão, e apropriadas pelas crianças, envolvem atitudes com relação à narrativa literária, como: antecipar, buscar informações, elaborar e conhecer. Relacionamos a dimensão interpretativa com quatro atitudes antirracistas propostas por Ribeiro (2019): informe-se sobre o racismo; enxergue a negritude; leia autores negros; e conheça seus desejos e afetos.

Informar-se sobre o racismo é, antes de tudo, um debate estrutural. “Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas” (RIBEIRO, 2019, p. 9). Enquanto sistema, o racismo organiza as relações sociais contemporâneas e, para compreendê-lo, é necessário conhecer a perspectiva histórica, que tem na escravização de negros e negras o motor de desenvolvimento econômico, no período colonial da sociedade brasileira. Ler sobre o racismo é compreender de quais maneiras a escravização produz consequências e engendra desigualdades sociais e econômicas no sistema brasileiro.

O racismo provoca intensas desigualdades econômicas e sociais que impossibilitam o acesso e a garantia de direitos e equidade entre as pessoas, entretanto, essas desigualdades não são entendidas como consequências dos conflitos raciais. Para Ribeiro, “é preciso identificar os mitos que fundam as peculiaridades do sistema de opressão operado aqui, e certamente o da democracia racial é o mais nocivo deles” (RIBEIRO, 2019, p. 18). Esse mito difundido no Brasil e no mundo normaliza as opressões de negros e negras ao negar a existência de tensões e hierarquias raciais, não havendo segregação e práticas oficiais de racismo explícitas – permanecendo a ideia, no imaginário social, de que todos convivem juntos em harmonia.

Partindo da concepção estrutural do racismo, entendemos que pensar uma educação antirracista não se trata de um processo simples. Ribeiro indaga-nos: “Afinal, como enfrentar um monstro tão grande?” (RIBEIRO, 2019, p. 12). Como já mencionamos, o racismo é um processo complexo e dinâmico, que se desdobra nas dimensões política e histórica. Como nos alerta Almeida (2020), raça e racismo são elementos fundamentais de análise das questões contemporâneas e, para fins didáticos de compreensão, o autor os divide em quatro elementos: ideologia, política, direito e economia. A respeito da dimensão ideológica do racismo, ele destaca que:

> É parte da dimensão política e do exercício de poder a incessante apresentação de um imaginário social de unificação ideológica, cuja criação e recriação será papel do Estado, das escolas e universidades, dos meios de comunicação de massa e, agora também das redes sociais e seus algoritmos. (ALMEIDA, 2020, p. 54).

De certo as práticas pedagógicas não têm o poder de eliminar as opressões de gênero, raça e classe, contudo, se as instituições estabelecem e reproduzem o racismo, também cabe a elas implementar ações para combatê-las. Inferimos, nesse sentido, que podemos partir então da realidade cotidiana, dos inúmeros fatos e microagressões vivenciados por negros e negras, mas também das diversas situações que privilegiam uma parcela da sociedade para mobilizar eventos de debate e reflexão em atividades pedagógicas.

Por meio das obras literárias com protagonismo negro, as crianças têm uma oportunidade de debate sobre a escravização de negros e negras, fazendo relação com suas consequências atuais, presentes nas desigualdades sociais. Para além disso, as

narrativas negras trazem a resistência e a luta de negros e negras que sustentam as culturas brasileiras, relatos que historicamente eram apagados dos livros didáticos e das obras literárias. Consideramos que é possível construir uma educação emancipadora que, por essência, é crítica, partindo da resistência, da luta e do protagonismo negro para ampliar o olhar para além da condição do racismo, caráter presente na subjetividade negra, mas que não a define. Abordar narrativas que expõem a diversidade de identidades, culturas e histórias negras pode desconstruir estereótipos que permeiam o imaginário social.

A esse respeito, uma das atitudes propostas por Ribeiro (2019) está em ler autores negros. Para a autora, não é realista supor que um grupo domine toda a produção de conhecimento e artística do mundo. E, para superar a marginalização, a população negra cria diversas estratégias que, juntas, compõem um conjunto de produções de conhecimentos de negros e negras que nos permitem enxergar a negritude, que passa por conhecer nossa história, mas também os diversos movimentos políticos, as obras literárias, audiovisuais, as lutas e resistências, produções artísticas e toda sua dinâmica e complexidade. Ler autores negros e autoras negras amplia nossa visão de mundo, resgata e visibiliza as contribuições do pensamento negro, ampliando o debate racial público.

A cultura contemporânea permite ampliar o acesso a outras perspectivas históricas e narrativas negras que possibilitam desconstruir lugares sociais. Outras possibilidades, para além desse lugar, podem aumentar a autoestima de meninas negras e provocar questionamentos acerca do debate racial, promovendo também uma educação antirracista.

Mobilizando Letramentos Digitais e Literários com a Literatura Infantojuvenil Negra

Percebemos que as habilidades presentes na dimensão interpretativa dos letramentos literários podem potencializar práticas feministas e antirracistas ao provocar debates sobre a escravização e suas consequências, relacionando os aspectos históricos da escravização aos efeitos sentidos nas desigualdades sociais, mas, para além disso, desnaturalizando os lugares sociais ocupados por negros e

negras na sociedade. Esse processo pode significar o fortalecimento de identidades, como noções de beleza, inteligência e autoestima, assim como um posicionamento de rejeição à vinculação desses atributos apenas a pessoas brancas.

Em nosso estudo, os letramentos digitais compõem um conjunto de habilidades apropriadas pelas crianças em práticas pedagógicas literárias digitais, em suas dimensões funcionais (técnico-operacional, informacional, pesquisa e impresso), que entendemos como: os conhecimentos básicos para acessar dispositivos e interfaces digitais, navegar em ambientes hipertextuais, fazer uso dos motores de busca identificando e selecionando informações para avaliá-las, atestar sua qualidade e pertinência para assim interpretá-las e se apropriar de conhecimentos (AUTOR, 2016). Assim, esses letramentos podem instrumentalizar as práticas feministas e antirracistas, oportunizando mecanismos necessários ao acesso, à leitura, à interpretação, ao tratamento e à reelaboração de diversos materiais já produzidos nos campos jornalístico, histórico, jurídico, econômico, social, cultural, literário e artístico sobre raça, racismo, negritude e outros.

Nesse sentido, entendemos que práticas pedagógicas, como as realizadas neste estudo, podem contribuir com a criticidade com relação ao racismo, ao conhecimento e à desconstrução das relações raciais estabelecidas, possibilitando a desconstrução de estereótipos, e/ou significar identidades raciais. E do ponto de vista da arte, da formação estética e ética, as literaturas infantis e infantojuvenil assumem papel fundamental na formação tanto de crianças quanto de professores. Para Autor:

> As práticas sociais com a literatura, conforme Paulino (2010), envolvem a apropriação de um repertório de conhecimentos que abarcam o textual (histórias, poemas etc.), os conhecimentos linguístico-formais, os elementos de construção de narrativas, os elementos de construção de sentido, os elementos de leitura de mundo até a imersão no campo simbólico (fantasia, imaginação, criatividade, prazer etc.) e, com isso, o reconhecimento do valor cultural, social, estético e educativo para a sensibilidade e humanização das relações na escola e na vida das pessoas. (AUTOR, 2020, p. 65).

Nesse contexto, a dimensão “atribuição de sentidos” refere-se aos “produtos materiais das manifestações e os significados elaborados pelas crianças, com base nas narrativas literárias. Essas expressões podem ocorrer das seguintes formas: desenhos, brincadeiras, áudios, contação de história, encenações teatrais” (AUTOR, 2021, p. 134). As habilidades apropriadas pelas crianças sintetizadas nessa dimensão envolvem atitudes como: relacionar,

reconhecer e socializar. Relacionamos essa dimensão com três atitudes antirracistas propostas por Ribeiro (2019): reconheça os privilégios da branquitude; perceba o racismo internalizado em você; e questione a cultura que você consome.

Para além de pensar a negritude, a prática antirracista envolve também pensar a branquitude. Para Ribeiro, "trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal – a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos" (RIBEIRO, 2019, p. 33). Pensar as relações étnico-raciais envolve questionar os motivos que levam os espaços de poder a serem predominantemente ocupados por pessoas brancas em detrimento de pessoas negras e outros grupos socialmente racializados.

A hegemonia racial "é uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas, também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos" (ALMEIDA, 2020, p. 75). Compreender em quais circunstâncias essa hegemonia ideológica e simbólica acontece é essencial para desnaturalizarmos os privilégios que acompanham a branquitude, questionarmos e lutarmos por maior representatividade e proporcionalidade de negros e negras em postos de trabalho e espaços de poder.

Assumir ações antirracistas é um processo em movimento, nunca acabado e sempre dialógico com a percepção da realidade. Na perspectiva de uma educação antirracista, é necessário propor situações que confrontem o ideal de brancura, ou seja, desnaturalizar a ideologia universal, padrão e normativa que envolve pensar de quais maneiras essas ideias modulam e condicionam a experiência de ser negro. Almeida nos alerta que "assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro" (ALMEIDA, 2020, p. 77). A experiência de ser negro e negra é construída em oposição a tudo que é considerado dentro dos padrões, o que causa desconforto e, de certo, uma alienação de identidade (SOUZA, 2021).

A literatura infantojuvenil negra faz parte de uma estratégia antirracista para reposicionar os significados de ser negro e negra, atribuindo sentidos positivos às características fenotípicas antes associadas ao negativo, feio, sujo e desvalorizado, daí a sua importância em práticas pedagógicas com crianças.

Souza (2021), ao falar sobre o mito negro e a constituição das subjetividades, revela que a experiência de se tornar negro é tida como algo construído na perspectiva da diferença que, ao constituir sua identidade, é obrigado a fazê-la negando ou afirmando o branco como "marco referencial". "Diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá" (SOUZA, 2021, p. 56).

Almeida afirma que essa "ideologia da brancura", conceito explorado por Guerreiro Ramos (1965), torna-se um obstáculo ao antirracismo, e propõe, com base no mesmo autor, o "personalismo negro", "que pode ser definido como o ato de assumir a condição de negro a fim de subverter os padrões racistas" (ALMEIDA, 2020, p. 79). Na mesma perspectiva de autores como Steve Biko, com a consciência negra, Fanon, Césaire e Senghor, com a negritude, Ribeiro (2019), com a ação "enxergue sua negritude", e Souza (2021) em "tornar-se negro".

Essa tomada de consciência racial, tanto para brancos quanto para negros, é processual e leva a diferentes desconstruções da percepção da realidade. Espaços normalmente ocupados apenas por brancos, a ausência de pessoas negras em produções audiovisuais, representações femininas negras confinadas aos trabalhos domésticos ou sexualizadas são exemplos de incômodos que essa tomada de consciência desperta. Para Ribeiro (2019), estar disposto a perceber o racismo internalizado em você, identificar privilégios e confrontá-los em si e em outros é um incômodo e muitas vezes significa ser "o chato", porém, para além das percepções, torna-se necessário questionar a cultura que você consome, modificar o discurso e criticar o uso de expressões racistas.

Ao analisar as dimensões do racismo estrutural, Almeida (2020) nos traz que tanto a ciência quanto a cultura são veículos de propagação do racismo que, no caso do Brasil, fundem-se em um "sistema de ideias" que tem como principal discurso o mito da democracia racial. Com o desenvolvimento das tecnologias e do capitalismo, há uma necessidade de incrementar as técnicas de opressão, e o discurso do racismo científico cede lugar ao multiculturalismo, visto que já estabelecida uma superioridade econômica e racial dos brancos, solidificada pela desumanização, há a necessidade de estabelecer um enquadramento do grupo racial subalternizado, "um sujeito

colonial" que pode ser controlado e dominado. Em outras palavras, o sistema econômico e político absorve os conflitos raciais e sociais, naturalizando-os.

Para Almeida (2020), a cultura negra apresenta possibilidades poderosas de contestação da vida social, porém, como não podem ser eliminadas, são transformadas em mercadorias, tratadas como "exóticas". "Não é apenas extirpando a cultura que o racismo se apresenta, mas 'desfigurando-a' para que a desigualdade e a violência apareçam de forma 'estilizada', como 'tema de meditação', ou 'peça publicitária', e possam assim ser integradas à normalidade da vida social" (ALMEIDA, 2020, p. 73).

Ainda que existam produções artísticas negras e de outros grupos subalternizados, que muitas vezes falam sobre o racismo, precisamos questionar as formas como são produzidas, quem as produz, os sentidos que são atribuídos às manifestações culturais, o embranquecimento cultural, as representações de negros e negras e a devida atenção aos estereótipos que são perpetuados nas produções artísticas e audiovisuais, como literatura, dança, música, artes plásticas, cinema e outros.

Uma educação que valorize as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfica para toda a sociedade. Nesse contexto, a literatura infantojuvenil negra assume papel importante, "pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais" (RIBEIRO, 2019, p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atitudes como apresentar obras literárias em que personagens negros sejam retratados de forma positiva e não estereotipada podem contribuir para práticas antirracistas na educação. Nesse sentido, percebemos que na obra literária transmidiada os personagens principais são referenciados positivamente ao atribuir às características estéticas, como olhos, nariz, boca e cabelo, atributos positivos, relacionando-os a elementos da cultura africana e/ou da população em diáspora,

considerados sagrados e importantes instrumentos de luta e resistência presentes nas práticas religiosas de matriz africana, na conexão com a ancestralidade e em seus conhecimentos na dança, em jogos, música e arte.

Percebemos que as habilidades presentes na dimensão "atribuição de sentidos" dos letramentos literários são frutos dos significados e das elaborações que as crianças fizeram da obra literária, materializada nas produções feitas por elas. Obras literárias e artísticas, aos serem socializadas, debatidas e comentadas com crianças, podem potencializar práticas antirracistas, provocando debates e reflexões sobre os valores que atribuímos às manifestações culturais associadas à cultura negra, como a religiosidade, o *black power* e as características físicas, em diálogo com os elementos que atribuímos ao ideal de positivo, belo e inteligente, pertencentes também a um grupo racializado, o branco, e que, por isso, também tem uma identidade.

Ao possibilitarmos que a criança questione e reflita sobre essas realidades sociais, geralmente invisibilizadas e normalizadas, podemos representar um passo importante para fortalecer a identidade negra, reconhecer o privilégio branco e desconstruir estereótipos que garantem e reproduzem o racismo em nossa sociedade, contribuindo também para desenvolver letramentos literários, pois a dimensão "ressignificação de sentidos" refere-se às "diversas manifestações possíveis de serem criadas e reelaboradas, com base nas obras literárias. Elas promovem diferentes interpretações e sentidos, ao extrapolar as histórias presentes na narrativa base" (AUTOR, 2021, p. 134). As habilidades apropriadas pelas crianças sintetizadas nessa dimensão envolvem atitudes como elaborar, construir e divulgar, em diálogo com as atitudes antirracistas: apoie políticas educacionais afirmativas; transforme seu ambiente de trabalho; e combata a violência racial.

Nessas práticas pedagógicas, os letramentos digitais em suas dimensões: social, no uso das mídias, linguístico, multimodal, redes sociais, interação, trabalho colaborativo e intercultural, conforme enumera Autor (2016), são apropriados pelas crianças por meio de práticas pedagógicas digitais, que entendemos como um conjunto de conhecimentos que se relacionam a habilidades interpessoais para a produção de um gênero textual ou narrativa literária com interfaces digitais e seus recursos hipertextuais, que são apreendidas em coletivo com os colegas de um grupo para se comunicar de forma eficiente em redes sociais, respeitando as regras

de convivência desses espaços e mantendo em suas produções atributos positivos com relação a gênero, raça e classe, relacionando a cultura negra e seus elementos, como a religiosidade, de forma valorizada (AUTOR, 2021).

Práticas sociais e pedagógicas como as discutidas neste estudo podem instrumentalizar ações formativas feministas e antirracistas na educação, oportunizando reflexões sobre os significados da luta e da resistência da população negra e da sua cultura. Essas pautas, ao estarem presentes em obras literárias e serem expandidas como na transmidiação por nós realizada, resulta em novas produções a serem socializadas e compartilhadas e significam a reelaboração das narrativas das crianças acerca dos discursos, das ideias e dos sentidos que podem ser disparadores para outras meninas e mulheres posicionarem-se contra o racismo.

ABSTRACT:
The article results from a master's research with elementary school children from a local public school, intending to analyze digital and literary literacies in a pedagogical practice of literary transmediation. The methodology used is the formative research in cyberculture in Santos (2014), through which we seek dialogue between the appropriations of the dimensions of digital and literary literacies mobilized by children and the anti-racist attitudes proposed by Ribeiro (2019). Results showed that the transmedia narrative of the literary work enabled a dialogical and reflective formative process regarding gender, race, and social status. We conclude that black children's literature is important in the pedagogical and training practices of children and teachers, as it provides opportunities to develop a critical reading about the racialization of spaces of power, identities, prejudices, and stereotypes that make up the social imaginary, expanding historical perspectives.

KEYWORDS: Black children's literature. Digital and literary literacies. Antiracist education. Formative research.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras,
2019.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: WhiteBooks, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Artigo recebido no 1º semestre de 2023.
Artigo aceito no 2º semestre de 2023.